



RELISE

OS CUSTOS CIENTÍFICO E SOCIAL DA REDUÇÃO DO EMPREENDEDORISMO AO MUNDO DAS STARTUPS¹

THE SCIENTIFIC AND SOCIAL COSTS OF REDUCING ENTREPRENEURSHIP TO THE WORLD OF STARTUPS

Cândido Vieira Borges Júnior²

Quem aqui é empreendedor? Dois levantam a mão. Quem vende os produtos que produz? Todos levantam a mão. Entre vocês, quem já criou algum produto? Doze. Quem aqui investe anualmente na sua produção mesmo sabendo que a produtividade esperada não pode ser garantida? Vinte e sete se manifestam positivamente.

As questões e respostas apresentadas procuram reproduzir a experiência vivida por uma consultora quando ministrava uma oficina de gestão para agricultores familiares. Na sequência de seu diálogo com o grupo, ela perguntou para os presentes: “o que faz um empreendedor?”. Os participantes responderam que empreendedores têm um negócio; que eles produzem e comercializam produtos, correm alguns riscos, procuram melhorar sempre. Por fim, convidados a comparar aquilo que os empreendedores fazem com as atividades que eles realizam como pequenos produtores rurais, ficaram surpresos em concluir que sim, eles também eram empreendedores – e não apenas os dois que inicialmente se manifestaram. Afinal, anualmente, eles plantam produtos agrícolas sem ter certeza de que o clima será o adequado para uma boa produção e sem saber qual será o preço dos produtos no momento da colheita; muitos tentam agregar valor aos seus produtos – transformando frutas

¹ DOI: doi.org/10.5281/zenodo.19019672

² Universidade Federal de Goiás. candidoborges@ufg.br



RELISE

em doces ou leite em queijo, por exemplo, e todos negociam pessoalmente a produção – diretamente para o consumidor final, para prefeituras, no programa de merenda escolar, ou para cooperativas.

A dissonância entre uma minoria que se percebe como empreendedor e o número mais significativo que de fato o são ocorre, em parte, devido à predominância na mídia e nos fóruns de empreendedorismo de um discurso que liga o empreendedorismo à inovação e às novas tecnologias, reduzindo-o a startups inovadoras, empresas de alto crescimento, unicórnios e assemelhados.

Esse viés startup inovadora de compreensão do empreendedorismo não acomete apenas os empreendedores, mas também parte importante dos pesquisadores da área (ALDRICH; RUEF, 2018). Ao priorizar apenas um dos atributos tradicionalmente ligados ao empreendedorismo, à inovação, outros fatores que caracterizam a atividade empreendedora são deixados de lado. Um criador de *startup* é rotulado de empreendedor, mesmo que por vezes a startup em questão jamais chegue a produzir uma inovação ou comercializar um produto sequer. Se envolve novas tecnologias e o fundador diz que almeja ser um unicórnio, é então imediatamente considerado empreendedor. Por outro lado, o senso comum hesita em enquadrar o criador da pequena mercearia da esquina, ou uma costureira que trabalha por conta própria, como empreendedor – mesmo se estes criaram um negócio responsável por gerar a renda que garante o sustento da própria família. No Brasil ou em qualquer país do mundo, encontraremos mais empreendedores que atuam por conta própria ou com pequenos negócios do que criadores de startups inovadoras. A comunidade de pesquisa em empreendedorismo tende, dessa forma, se preocupar com apenas a menor parte dos empreendedores, deixando a maioria descoberta de suas investigações (KURATKO; AUDRETSCH, 2022).

Se por um lado alguns autores, como Shane (2009), defendem que o padrão startup inovadora deve ser priorizado nas pesquisas e nas políticas



RELISE

3

públicas de empreendedorismo, isso em razão do potencial de crescimento e consequente repercussão econômica que elas apresentam, por outro encontramos pesquisadores que são referência no campo do empreendedorismo e que se posicionam de maneira diferente. São os casos por exemplo de Aldrich e Ruef (2018), Kuratko e Audretsch (2022) e Kuckertz, Scheu e Davidsson (2023). Esses autores expressam preocupação sobre o viés que as pesquisas na área tomaram ao deixar de lado a maior parte de empreendimentos e empreendedores para investigar e repercutir com mais ênfase as startups e empresas de crescimento rápido.

Nesse sentido, é salutar que o presente número da RELISE trate da diversidade de tipos de empreendedorismo e aprendizagem empreendedora. Considerar a diversidade é reconhecer que o empreendedorismo se manifesta de outras formas que apenas por meio da criação de startups de base tecnológica. Na próxima seção, algumas das expressões dessa diversidade são apresentadas e, em seguida serão explorados os possíveis custos sociais e científicos de se ignorar a diversidade em empreendedorismo.

A DIVERSIDADE DOS TIPOS DE EMPREENDEDORISMO

Para contrapor ao padrão dominante da startup inovadora, Morris, Neumeyer e Kuratko (2015) indicam quatro principais tipos de empreendimentos que deveriam ser considerados nas pesquisas em empreendedorismo: 1) empreendimentos com potencial de rápido crescimento, 2) empreendimentos de crescimento administrado, 3) empreendimentos de sobrevivência e 4) empreendimentos de estilo de vida. Os dois primeiros são empreendimentos que crescem e criam mais empregos que os demais. Os de rápido crescimento, também chamados de gazelas, se enquadram no perfil de empreendedorismo defendido por Shane (2009), mas os de crescimento administrado, que crescem



RELISE

mais lentamente, de forma orgânica e incremental, constituem a maior parte dos empreendimentos que crescem.

Os empreendimentos de sobrevivência e os de estilos de vida raramente crescem; em geral eles tendem a permanecer pequenos com nenhum ou poucos empregados, mas ainda assim são social e economicamente importantes (MORRIS; NEUMEYER; KURATKO, 2015). Os empreendimentos de estilo de vida são aqueles casos de empreendedores que empreendem para ter uma ocupação que os permita trabalhar com algo em que acreditem e gostem e ao mesmo tempo auferir com o negócio a renda necessária para terem o padrão de vida que almejam.

Os empreendimentos de sobrevivência são em geral criados por empreendedores que não encontram um emprego ou outros meios de subsistência. É também chamado de empreendedorismo por necessidade. É um tipo de empreendedorismo muito presente na maior parte dos países, mas proporcionalmente mais significativo em regiões em estágios de desenvolvimento econômico inferiores ou nos momentos em que uma economia local atravessa momentos de retração econômica ou taxas elevadas de desemprego. No Brasil, em, 2024, 45% dos empreendedores começaram um negócio por necessidade (GEM Brasil, 2025).

A diversidade em empreendedorismo não se dá apenas pelo tipo de empreendimento. Sem a ambição de querer apresentar todos os tipos existentes, é possível dizer que ela se expressa também pela multiplicidade de indivíduos que empreendem, com características sociodemográficas diversas e os contextos de atuação igualmente variados.

Retratando a diversidade considerando o perfil sociodemográfico dos empreendedores, encontramos pesquisas que abordam, entre outras, questões de gênero, de idade, de escolaridade ou de renda. Alguns exemplos: empreendedorismo por mulheres (NASSIF et al., 2025), empreendedorismo por



RELISE

jovens (BORGES; FILION; SIMARD, 2008), empreendedorismo na terceira idade (FAÑANÁS-BIESCAS et al., 2025), empreendedorismo por cientistas (HAYTER; FISCHER; RASMUSSEN, 2022) e empreendedorismo por necessidade (MUELLER; PIEPERHOFF, 2023).

Quanto ao contexto, Welter (2011) defende que o empreendedorismo é contextualizado, e que cada contexto proporciona recursos, atores e interações diferentes e consequentemente empreendedorismos diversos. O autor apresenta quatro tipos de contexto que impactam o tipo de empreendedorismo: 1) o negócio (setor de atividade, mercado), 2) o social (redes, família, contexto de imersão), 3) o espacial (países, comunidades, proximidade geográfica) e 4) o institucional (cultura, sistema político e econômico). Derivado dessa perspectiva, emergiram diferentes tipos de empreendedorismo, tais como empreendedorismo social, empreendedorismo público, empreendedorismo tecnológico, empreendedorismo religioso, empreendedorismo na base da pirâmide, empreendedorismo em comunidades tradicionais, empreendedorismo sustentável e empreendedorismo étnico.

Mesmo em um tipo específico de empreendedorismo pode ser encontrados subgrupos, cada um com sua particularidade. Por exemplo, Carvalho e Borges (2025) propõem uma tipologia de trabalhadores por conta própria com quatro tipos diferentes, que em razão do engajamento com o novo negócio e os impactos que eles geram, diferem significativamente uns dos outros. Em outro exemplo, Pirnay, Surlemont e Nlemvo (2003) apresentam quatro tipos de spin-offs acadêmicos, que diferem pelo tipo de empreendedor (estudantes ou professor/pesquisador) e pelas características da tecnologia envolvida, requerendo cada tipo de spin-offs políticas públicas específicas.



RELISE

EMPREENDEDORISMOS DIFERENTES, CONHECIMENTOS E POLÍTICAS ESPECÍFICAS

Cada tipo de empreendedorismo requer adaptações no processo empreendedor, nas políticas públicas e nas formas de apreender. Por exemplo, no Brasil, as mulheres que empreendem enfrentam ameaças derivadas da cultura patriarcal que lhe são exclusivas (NASSIF et al., 2025) e as pesquisas indicam que políticas públicas de empreendedorismo a elas direcionadas são mais efetivas quando acompanhadas de políticas de gênero (TEIXEIRA; BORGES; ALMEIDA, 2023).

A não consideração da pluralidade de tipos de empreendedorismo e da diversidade de perfis de empreendedores e de contextos em que eles atuam implica em custos científicos e sociais. A definição precisa do público-alvo e o conhecimento sobre ele é essencial para o sucesso de uma política pública (SECCHI, 2014). Se governos e o sistema de apoio ao empreendedorismo não reconhecerem a existência de diferentes tipos de empreendedorismo no seu espaço de influência, teremos um custo social. Certos grupos de empreendedores podem não receber atenção de políticas públicas e das ações de apoio. Ou ainda, serem considerados pelo governo como atendidos por políticas direcionadas para outros grupos e, portanto, potencialmente ineficazes para um público-alvo distinto.

Mesmo se governos reconhecerem a existência da diversidade de tipos de empreendedorismo e se propuserem a desenvolver políticas para os diferentes tipos operantes em seu território, eles terão dificuldade de fazê-lo se a comunidade científica não produzir conhecimentos sobre os diferentes grupos. Como desenvolver políticas, programas de apoio ou cursos de formação para um determinado tipo de empreendedorismo sem os conhecimentos necessários sobre ele?



RELISE

7

Quando a pesquisa em empreendedorismo estuda apenas parte dos tipos de empreendedorismo, os conhecimentos sobre o fenômeno empreendedor serão incompletos e há um custo científico. Investigações sobre os outros tipos de empreendedorismo não progredirão, impedindo o contraponto aos conhecimentos existentes e a produção de novas descobertas e explicações.

Reduzir o empreendedorismo ao conceito de startup inovadora com potencial de crescimento é ignorar a riqueza do fenômeno e grande parte dos empreendimentos e empreendedores. Reconhecer a diversidade de tipos de empreendedorismo é essencial para o progresso do empreendedorismo e do campo de pesquisa empreendedorismo. É necessário que governos e comunidade científica reconheçam e investiguem a pluralidade de tipos de empreendedorismo, de contextos em que ele ocorre e de empreendedores.

REFERÊNCIAS

ALDRICH, Howard E.; RUEF, Martin. Unicorns, gazelles, and other distractions on the way to understanding real entrepreneurship in the United States. **Academy of Management Perspectives**, v. 32, n. 4, p. 458-472, 2018

BORGES, Cândido; FILION, Louis Jacques; SIMARD, Germain. Jovens empreendedores e o processo de criação de empresas. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, p. 39-63, 2008

CARVALHO, Jéssica Borges de; BORGES, Cândido. Proposta de tipologia de trabalhadores por conta própria considerando o impacto do empreendimento e o engajamento empreendedor. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, v. 14, p. e2549, 2025.

FAÑANÁS-BIESCAS, Ana Pilar et al. Senior entrepreneurship and opportunity recognition: a systematic review of the literature. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, p. 1-38, 2025



RELISE

8

GEM Brasil. (2025). Global Entrepreneurship Monitor: **Empreendedorismo no Brasil 2024**. São Paulo: ANEGEPE, 2025.

HAYTER, Christopher S.; FISCHER, Bruno; RASMUSSEN, Einar. Becoming an academic entrepreneur: How scientists develop an entrepreneurial identity. **Small Business Economics**, v. 59, n. 4, p. 1469-1487, 2022

KUCKERTZ, Andreas; SCHEU, Maximilian; DAVIDSSON, Per. Chasing mythical creatures—A (not-so-sympathetic) critique of entrepreneurship's obsession with unicorn startups. **Journal of Business Venturing Insights**, v. 19, p. e00365, 2023

KURATKO, Donald F.; AUDRETSCH, David B. The future of entrepreneurship: the few or the many?. **Small Business Economics**, v. 59, n. 1, p. 269-278, 2022.

MORRIS, Michael H.; NEUMEYER, Xaver; KURATKO, Donald F. A portfolio perspective on entrepreneurship and economic development. **Small Business Economics**, v. 45, n. 4, p. 713-728, 2015.

MUELLER, Helene; PIEPERHOFF, Martina. Necessity entrepreneurship: An integrative review and research agenda. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 35, n. 9-10, p. 762-787, 2023

NASSIF, Vania Maria Jorge et al. Threats and Overcoming Behaviors Experienced by Women Entrepreneurs. **BAR-Brazilian Administration Review**, v. 22, n. 1, p. e240157, 2025.

PIRNAY, Fabrice; SURLEMONT, Bernard; NLEMVO, Frederic. Toward a Typology of University Spin-Offs. **Small Business Economics**, v. 21, n. 4, p. 355-369, 2003.

SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. Cengage Learning, 2014.

SHANE, Scott. Why encouraging more people to become entrepreneurs is bad public policy. **Small Business Economics**, v. 33, n. 2, p. 141-149, 2009.

TEIXEIRA, Daiane Martins; BORGES JÚNIOR, Cândido Vieira; ALMEIDA, Marcos Inácio Severo de. A relação entre as políticas de gênero e a criação de empresas por mulheres. **REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal**, v. 12, p. e2137, 2023

WELTER, Friederike. Contextualizing entrepreneurship—conceptual challenges and ways forward. **Entrepreneurship theory and Practice**, v. 35, n. 1, p. 165-184, 2011.